

Enterro com honras militares

ELISA TECLES

DA EQUIPE DO CORREIO

O enterro do tenente Jetter Alexandre Sagioratto Batista, 32 anos, levou cerca de três mil amigos, familiares e colegas de profissão ao Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul, na tarde de ontem. As homenagens ao policial militar que foi atingido em serviço na última terça-feira começaram assim que os convidados deixavam a capela nº 10, por volta das 14h. Militares se revezavam para carregar o caixão, que atravessou um corredor de homens fardados prestando continência.

O último cumprimento ao colega emocionou a maioria dos policiais, que deixavam as lágrimas rolares ao ver o caixão do tenente passando. Cinquenta e quatro motos aguardavam no gramado onde o corpo foi enterrado. Ao lado delas, estava exposta a moto usada por Jetter no trabalho. O rapaz atuava há cinco anos na 2ª Companhia do Batalhão de Polícia de Trânsito (BPTran), na 307 Sul. As sirenes dos veículos foram disparadas ao mesmo tempo e quebraram o silêncio que recebeu o corpo do militar.

Um grupo de 18 oficiais deu três salvas de tiros ao colega. Quando o caixão foi colocado na cova, o



TRÊS MIL PESSOAS ACOMPANHARAM O SEPULTAMENTO DO TENENTE JETTER

helicóptero da corporação sobrevoou o local por duas vezes e despejou pétalas de rosas. Coroas de flores cercavam o túmulo, que era presenteado com margaridas e girassóis a todo momento. A filha de 11 anos do rapaz passou todo o tempo concentrada, com um pequeno buquê de flores nas mãos. A mãe e o avô do tenente também acompanharam o enterro, mas não quiseram dar declarações.

O governador José Roberto Arruda foi ao cemitério em solidariedade aos familiares de Jetter. Ele lamentou o acidente e frisou que se trata de um caso isolado, que destoa da qualidade da polícia brasileira. “É um incidente grave que será bem apurado. Temos duas vítimas de um fato que

não pode voltar a acontecer”, ressaltou. O secretário de Segurança Pública, Cândido Vargas, se disse abalado com o trágico fim do tenente. “Estamos consternados com a perda de um jovem com futuro, comprometido com a carreira. Isso não poderia ter acontecido em hipótese alguma”, comentou.

Investigações

Jetter Alexandre morreu às 11h35 de quarta-feira no Hospital de Base. Ele estava internado em estado grave desde que levou um tiro disparado pelo tenente Francisco das Chagas Belo, 38 anos, na terça-feira. Os dois estariam em uma mesma sala, no BPTran, quando Francisco saiu do local. Do lado de fora, separado de Jetter por janelas

espeelhadas, o acusado apontou a arma e disparou. Como o militar se apresentou espontaneamente à polícia, ele não foi preso.

Em princípio, a PM trata o caso como homicídio culposo, ou seja, não houve intenção do autor de matar a vítima. “O disparo foi acidental, mas foi um erro. Com arma não se brinca”, afirmou o coronel Antônio José Serra, comandante da PM. Segundo ele, o modelo de arma usada por Francisco, uma pistola .40, só dispara se for acionada. Ela tem uma trava interna e não poderia liberar a bala sem que alguém apertasse o gatilho. Por isso, a atitude do atirador deve ser tratada como imprudência, imperícia ou negligência.

A conclusão do inquérito depende do conteúdo do laudo pericial, que deve sair em 15 a 20 dias. As informações da perícia serão confrontadas com o depoimentos dos quatro militares que estavam no batalhão na hora do crime e são testemunhas do processo. De acordo com o coronel Serra, a hipótese de homicídio culposo só deve ser descartada se o laudo apresentar divergências com a história narrada nos depoimentos.

O tenente Francisco responde ao processo em liberdade. Segundo informações da PM, ele está transtornado e tomando medicamentos, acompanhado por um médico. Ele foi afastado do trabalho por motivo de saúde. Se a teoria do acidente for confirmada, ele será submetido à Justiça Militar. O Conselho de Justificação da PM avaliará o caso. O oficial corre o risco de ser exonerado da corporação.